

História Medieval: Perspectivas e desafios para o ensino no 1º ano do ensino médio da E.E.B Leonor de Barros

Medieval History: Perspectives and challenges for the teaching in
the 1st grade of secondary school of the E.E.B Leonor de Barros

Fabiolla Falconi Vieira¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo relatar as experiências vividas durante o Estágio de Docência do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina. As atividades foram desenvolvidas em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio do período noturno da Escola de Educação Básica Leonor de Barros, na cidade de Florianópolis. Discutindo a questão da cristandade medieval, foram utilizados métodos de docência que permitiram a análise e discussão de fontes históricas e/ou objetos problematizáveis pela História: como vídeos, imagens, textos, etc. Nesse sentido, esse ensaio contribui para as discussões acerca do currículo escolar e do ensino de História na cidade de Florianópolis.

Palavras-chave: Educação; Ensino de História; Cristandade Medieval.

Abstract: This paper has as aim to relate experiences lived during the Teacher Training of the History course of the State University of Santa Catarina. The activities have been developed in a class of the first grade of secondary school of the night shift of the Basic Education School Leonor de Barros in city of Florianópolis. Discussing the question of medieval Christianity, methods of teaching have been used which permitted the analysis and discussion of the historic sources and/or problematic objects by the history, such as videos, images, texts, etc. In this sense, this essay contributes for the discussions about the school curriculum and of the teaching of history in the city of Florianópolis.

Keywords: Education; Teaching of History; Medieval Christianity.

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina e Pós-graduanda pela Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: <biulinhafalconi@hotmail.com>

Introdução

Repensando nossa trajetória de estágio docente, na Escola de Educação Básica Leonor de Barros, realizado para a disciplina de Estágio com Docência III², pude levantar alguns questionamentos importantes acerca do ensino de história medieval no Ensino Médio.

Para estudar a História Medieval, durante nosso estágio resolvemos recortar o tema a partir da questão religiosa, afinal esta envolveu toda Idade Média. O recorte temporal é fundamental para o ensino de História e priorizamos a religião por ela ser umas das questões centrais que envolvem o medievo. Realmente, foi possível através dessa abordagem ensinar sobre o período medieval, mas a todo o momento senti certo distanciamento por parte dos alunos. Então, comecei a me questionar qual é o papel da Idade Média no ensino de História no Brasil? Afinal de contas, se levarmos em consideração a maneira como estão divididos os períodos históricos, o Brasil não fez parte deste período. E como escolher um tema dentro da História Medieval e aproximá-lo dos alunos, correspondendo ao mesmo tempo aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), às expectativas da escola ao qual o aluno está inserido e às próprias perspectivas do aluno, do professor (a) e do estagiário (a)?

O que pretendo através deste trabalho não é encontrar respostas prontas a esses questionamentos, mas problematizá-los um pouco mais, pensando em nossas práticas de ensino durante o estágio e ponderando sobre as bibliografias existentes acerca do assunto, que por sinal, são pouquíssimas.

Perspectivas e desafios para o ensino da História Medieval

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)³, de 1999, colocam-nos as possibilidades de se trabalhar com o ensino de História no Ensino Médio, dando sugestões de abordagens e didáticas a serem tomadas em sala de aula. Dentre essas sugestões, os PCN destacam a cidadania, que trabalha o desenvolvimento cívico e social, trabalhando o coletivo. Propõem também

[...] desenvolver competências e habilidades para que o aluno entenda a sociedade em que vive como uma construção humana, que se reconstrói constantemente ao longo de gerações, num processo contínuo e dotado de historicidade; para que compreenda o espaço ocupado pelo homem, enquanto espaço construído e consumido; para que compreenda os processos de sociabilidade humana em âmbito coletivo, definindo espaços públicos e refletindo-se no âmbito da constituição das individualidades; para que construa a si próprio como um agente social que intervém na sociedade; para que avalie o sentido dos processos sociais que orientam o constante fluxo social, bem como o sentido de sua intervenção nesse processo; para que avalie o impacto das tecnologias no desenvolvimento e na estruturação das sociedades; e para que se aproprie das tecnologias produzidas ou utilizadas pelos conhecimentos da área.⁴

Criado a partir das perspectivas da chamada “História Nova”, esses parâmetros procuram inserir novas abordagens no ensino de História, que não são características da História tradicional, quebrando com a lógica do ensino como uma via de “mão única” na qual o professor (a) ensina e o aluno aprende.

² Estágio realizado na Escola de Educação Básica Leonor de Barros do bairro Itacorubi, em Florianópolis, no período de 12 de Agosto a 30 de Outubro de 2009, pelos estagiários Fabiolla Falconi Vieira e Willian Tadeu M. J. Leite.

³ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais, para o Ensino Médio, 2000. Retirado do site: <http://portal.mec.gov.br/seb/rquivos/pdf/blegais.pdf>, em 24/11/2009.

Aporta, assim, a possibilidade dos alunos construírem a História a partir de seus próprios conhecimentos, tomando o professor (a) como mediador no processo educacional. Para os PCN, ensinar história se torna importante porque

[...] enquanto disciplina escolar, ao se integrar à área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, possibilita ampliar estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando-as nas diversas temporalidades, servindo como arcabouço para a reflexão sobre possibilidades e/ou necessidades de mudanças e/ou continuidades⁵.

Se os PCN colocam que a História possibilita trabalhar as problemáticas contemporâneas, onde fica e como fica o estudo de questões como os temas medievais? Como, afinal, associar o medieval à atualidade? Como aproximá-lo dos alunos a ponto de levantar questionamentos relacionados ao presente?

De certa forma, aproximar o medieval dos estudantes foi o que buscamos fazer durante nosso estágio, porém quase não foi possível estabelecer conexões.

A Idade Média durante muito tempo foi estereotipada de “Idade das trevas”, devido às perspectivas racionalistas, liberais e anticlericais, difundidas a partir do Renascimento⁶, que colocava em cheque a visão teocêntrica, na qual Deus era o centro de todas as coisas, e buscava estabelecer a razão como o centro.⁷

Devido a esses estereótipos, a crença de que a Idade Média era governada pelo imaginário e pelos pensamentos da Igreja trazia a ela um atraso em comparação às épocas posteriores, nas quais a razão “dominava”. Esse período foi parcialmente esquecido no que diz respeito a sua própria História,⁸ sendo lembrado somente como período de transição da Idade Antiga para o Renascimento (considerado espelho da Idade Antiga) e, em sequência, para a Modernidade.

Isso trouxe consequências até os dias atuais, inclusive no ensino de História. Apesar das novas perspectivas para o ensino, ainda é reproduzido muito dessa Idade Média estereotipada, baseada somente nas relações de suserania, vassalagem, nas quais quem dominava o mundo feudal são os senhores, o rei é somente uma figura emblemática e o servo não tem seu lugar social, a não ser dentro do sistema de produção. Com os estudos mais recentes sobre Idade Média, sabe-se que esse período vai muito mais além do que isso.

O difícil realmente é quebrar esses estereótipos e passar a ensinar uma outra Idade Média. A própria História durante muito tempo não reconheceu outras formas de aprendizado diferentes dessa. Além disso, o sistema que o aluno enfrentará ao sair do Ensino Médio, o Vestibular e o ENEM, sistemas de avaliação utilizados para ingressar em uma faculdade, por exemplo, exigem do aluno, em sua grande maioria, conteúdos relacionados a uma Idade Média feudal, ou seja, pautada na economia. Como a questão que consta no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2009, e traz a seguinte redação:

Na Idade Média, entre os séculos XII e XV, verificou-se uma ascensão da economia europeia. No entanto, dentro desse período, em meados do século XIV, ocorreu uma significativa retração econômica.

⁵ Ibidem, p. 20.

⁶ Um dos primeiros a difundir essa ideia foi o filósofo italiano Petrarca. Humanista, foi a responsável por grande difusão das ideias renascentistas. Apesar de não ser anticlerical, atribuiu a Idade Média a configuração de transição.

⁷ MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no ensino de História. KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2007.

⁸ LE GOFF, Jacques. Em busca da Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

Em relação a este assunto, é CORRETO afirmar que:

- 01. a crise econômica verificada em meados do século XIV se deveu às Cruzadas, movimento religioso que deslocou milhares de homens em idade produtiva rumo ao Oriente Médio.
- 02. a Peste Negra acarretou uma drástica diminuição da população, com reflexos diretos na economia.
- 04. tudo indica que a Peste Negra originou-se no Oriente, matando mais de um terço da população europeia.
- 08. a crise econômica gerada pela Peste Negra foi o marco decisivo para o fim do sistema feudal.
- 16. como forma de fugir da Europa infectada pela Peste Negra, milhares de europeus se dispuseram a seguir as Cruzadas para libertar Jerusalém sitiada.
- 32. a ascensão econômica entre os séculos XII e XV foi uma realidade exclusiva dos países ibéricos, em função das grandes navegações lá iniciadas. (UFSC,2009)⁹

Outro estereótipo bem comum atribuído à Idade Média, e muito fácil de encontrar, tanto no imaginário atual, quanto nas formas de ensino, é o que atribui ao medieval, os grandes reinos, castelos, donzelas, cavaleiros, etc. O que não deixa de ser a visão a partir do feudalismo, só que de uma forma mais romanizada.

O Enem, diferente do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, buscou trabalhar em sua prova a compreensão desses estereótipos, mas ainda assim optou por uma questão que não aborda além do que esses elementos nos dizem.

Para uns, a Idade Média foi uma época de trevas, pestes, fome, guerras sanguinárias, superstições, crueldade. Para outros, uma época de bons cavaleiros, damas cortesãs, fadas, guerras honradas, torneios, grandes ideais. Ou seja, uma Idade Média “má” e uma Idade Média “boa”.

Tal disparidade de apreciações com relação a esse período da História se deve

(A) ao Renascimento, que começou a valorizar a comparação documental do passado, formando acervos documentais que mostram tanto a realidade “boa” quanto a “má”.

(B) à tradição iluminista, que usou a Idade Média como contraponto a seus valores racionalistas, e ao Romantismo, que pretendia ressaltar as “boas” origens das nações.

(C) à indústria de videogames e cinema, que encontrou uma fonte de inspiração nessa mistura de fantasia e realidade, construindo uma visão falseada do real.

(D) ao Positivismo, que realçou os aspectos positivos da Idade Média, e ao marxismo, que denunciou o lado negativo do modo de produção feudal.

(E) à religião, que com sua visão dualista e maniqueísta do mundo, alimentou tais interpretações sobre a Idade Média. (ENEM, 2009)¹⁰

Então, como ensinar ao aluno outros conteúdos medievais e de maneira diferente, se na maioria das vezes ele mesmo não deseja aprender. Quando o professor opta por uma aula “diferente”, que aborde conteúdos fora dos tradicionais, como um jogo, por exemplo, os próprios alunos, e a comunidade escolar em geral, não o consideram como aula.

Em nosso estágio, procuramos trabalhar diferentes maneiras de ministrar os conteúdos, sobrepondo novas aprendizagens e abordagens, com as tradicionais exigidas pela escola, que apesar de ter recursos como os PCNs, salas informatizadas e de vídeo, em sua maioria ainda continua ensinando somente da maneira tradicional. Como trabalhamos com o problema central sobre religião, preparamos nossas aulas por eixos temáticos, propondo um tema a cada semana. Acreditando facilitar o aprendizado, geralmente as aulas ficaram configuradas assim: na quarta-feira, aula expositiva dialogada, algumas vezes com uso

⁹ Questão realizada na prova do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2009. Retirada do site: http://www.coperve.ufsc.br/provas_ant/2008-3-amarela.pdf, no dia 23/11/2009.

¹⁰ Questão realizada pelo ENEM, na prova que seria realizada em 2009, mas que não foi devido a problemas de vazamento de questões. Retirada do site: http://public.inep.gov.br/enem/enem2009_prova1.pdf, em 23/11/2009.

de mapas e/ou documentos de época; na sexta-feira, uma atividade para sintetizar o conteúdo proposto.

Atividades de análises documentais e iconográficas foram utilizadas, buscando questioná-los a todo o momento, de forma a perceber os conhecimentos prévios dos alunos para se trabalhar o conteúdo. Foram utilizados recursos documentais e iconográficos, usando escritos oficiais e pinturas ou tapeçarias da época, aproximando o aluno do período e estimulando novas percepções de aprendizado. Uma das atividades que realizamos de análise de imagens para a aproximação com o presente, e que poderia chamar a atenção dos alunos, foi a de comparação entre o Cristo entronizado, um Rei, um Papa do Século XII e o Papa atual, todos na mesma configuração de imagem. Era possível perceber através das análises a semelhança entre as figuras, e como ela perdura até os dias atuais, já que utilizamos também uma imagem do Papa Bento XVI, que não gerou tanta discussão como gostaríamos. Isso ocorreu algumas vezes, onde era possível aproximar o passado do presente, os alunos também não se aproximavam do conteúdo proposto. Além das atividades propostas, utilizamos diversas estratégias para problematizar o conteúdo. Em todas as aulas utilizamos materiais didáticos confeccionados ou selecionados por nós, já que o livro didático do colégio aborda de maneira superficial a religião medieval, dando preferência ao conteúdo tradicional que envolve mais o Feudalismo. E sempre preparamos atividades com recursos didáticos imagéticos, de fácil assimilação, ou com documentos de época escritos em português, com a linguagem um pouco mais rebuscada, para trabalhar também a compreensão e interpretação textual e instigar nos alunos o interesse pela leitura.

Mesmo articulando aulas expositivas dialogadas com uso de mídias, documentos de época e fontes iconográficas, sentimos certo distanciamento dos alunos em relação aos conteúdos estudados. Acredito que parte desse distanciamento dá-se ao fato de termos herdado pouco, diretamente, ou não ficar tão visível quanto nossa herança em relação à Antiguidade.

Voltamos ao fato já abordado anteriormente, de como a Idade Média foi apagada de nossas memórias, ficando reconhecido somente como um período de transição, o que explica boa parte do desinteresse dos alunos em relação a esse conteúdo. Outra questão é o fato de o Brasil não ter participado diretamente da Idade Média. As relações do Brasil com a Europa teriam começado somente quando os portugueses o fizeram como colônia, o que ajuda a distanciar ainda mais o conteúdo do dia a dia dos alunos.

Mil anos de história não podem ser reduzidos a mera transição. Cabe ao professor, desconstruir essa ideia, encontrando o melhor eixo temático a se trabalhar com os alunos, no qual seja possível a abordagem de um tema mais coerente com a realidade dos alunos e a proposta pedagógica do colégio ao qual estão inseridos. Como não tivemos contato com o Projeto Político Pedagógico da escola, ou seja, a identidade do grupo escolar, que institui normas e práticas coerentes ao que o corpo pedagógico deseja para seus alunos (VEIGA E FONSECA, 2001). Fizemos a observação em sala durante dois meses, a partir dela é que acreditamos ser importante para a turma, focar o conteúdo na religião católica, conseguindo trabalhar, não só o tema proposto, como também sociedade, cultura e política medieval. Visto que não se pode pensar a Idade Média sem a religião cristã, que estava totalmente imbricada nos pensamentos e comportamentos do homem medieval, mas ainda assim nosso recorte não foi suficiente para aproximação dos alunos ao conteúdo.

Macedo (2007) nos sugere que trabalhemos a Idade Média a partir de outros países, para além dos tradicionais. Como o Brasil teve uma relação mais direta com os países ibéricos, deveríamos pensar a Ida-

de Média a partir desses países, o que facilitaria a aproximação com os conhecimentos do aluno e seu dia a dia. Sugere, também, que trabalhe com uma análise comparada entre os dilemas sociais vivenciados por alguns países no período, com os que alguns países atuais enfrentam.

Como nosso estágio já estava em curso, nosso projeto pronto, e as aulas já encaminhadas, não tivemos a oportunidade de trabalhar com todas as sugestões desse autor, que provavelmente teria contribuído para uma melhor proposta de estágio. Porém, creio que trabalhamos na mesma perspectiva que ele coloca no uso de imagens e filmes, que é uma perspectiva semelhante à de Orofino (2005), no sentido de utilizar as mídias, filmes, internet, ou seja, os meios de comunicação que dispomos para melhorar o ensino, tornando-o mais interativo e atraente aos alunos.

Pude refletir também, pensando em nosso estágio e no que Macedo (2007) nos coloca, sobre o uso da análise comparativa. Tenho certo receio em utilizar essa categoria em sala de aula, pois ao mesmo tempo em que pode abrir novas perspectivas de reflexão, pode, também, fazer com que os alunos pensem que a História é algo cíclico, que se repete e que talvez não tenha um final diferente do já estabelecido. Há de se tomar o dobro de cuidados ao se trabalhar com isso e o professor deve estar bem ciente do que está transmitindo ou mediando.

O rumo a ser tomado partindo dos países ibéricos pode ser uma boa escolha, sendo trabalhado em conjunto com os saberes prévios dos alunos, adquiridos ao longo do ensino fundamental, questionando a eurocentricidade, e as consequências que a colonização trouxe ao nosso país. Com isso, encontra-se, também, um vínculo maior entre a Idade Média e o Brasil para além do instituído período de transição para a modernidade.

Por fim, acredito que levará certo tempo para se instituir o que os novos parâmetros curriculares nos propõem, visto que o ensino vai muito mais além do que acontece em sala de aula, já que ainda existe em nossa sociedade um grande preconceito em relação à Idade Média. Outro dia, quando conversava com uma colega sobre um jogo *online*, no qual o jogador possui uma fazenda e a mesma cresce conforme e se ganha experiência, ela comentou que a fazenda dela “ainda era medieval”, pois era pequena demais e com poucos recursos. Após ouvir isso, fiquei refletindo, mas por que atribuir o título de medieval? Por que não Antiga, já que a Antiguidade antecede o medieval? E se pensarmos na questão de propriedade, esse conceito foi se modificando ao longo dos tempos. Foi, então, que me dei conta do quanto associamos o negativo ao medieval, mesmo sabendo que neste período não ocorreu somente acontecimentos negativos, ou romantizamos demais, pensando em grandiosos castelos e reinos, donzelas e cavaleiros. E compreendi o quanto filmes, jogos, e diversos outros materiais, influenciam nas percepções de nossos alunos quanto a

esse período, tornando-se mais difícil de quebrar certos estereótipos, devido à carga recebida através das mídias e do senso comum já difundido. O que, ao mesmo tempo, facilita para o professor (a) a mediação no ensino de História Medieval, uma vez que ele pode se utilizar desses materiais estereotipados e do próprio senso comum, ao qual o aluno, muitas vezes, está inserido, para desconstruí-los e junto a eles construir uma nova perspectiva no que diz respeito à História Medieval.

Referências

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Baurú: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2007.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e Mediação Escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FONSECA, Marília. **As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola**. Campinas: Papirus, 2001.

Recebido em: 07/06/2012

Aceito em: 02/10/2012

